

NÃO POSSO FUGIR DO TEMA! MAS O QUE É TEMA? O CONTEÚDO TEMÁTICO NA REDAÇÃO DE VESTIBULAR

I CAN'T ESCAPE THE THEME! BUT WHAT IS THEME? THE THEMATIC CONTENT IN THE ESSAY OF THE COLLEGE ENTRANCE EXAM

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer*

UENP/Cornélio Procópio

Eliana Merlin Deganutti de Barros**

UENP/Cornélio Procópio

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar como os participantes do vestibular de uma universidade pública desenvolvem o conteúdo temático em suas redações. Para tanto, analisamos os textos intermediários, isto é, os que atingiram notas consideradas a média do conjunto total, a fim de conhecer como o tema é representado e desenvolvido textualmente pelos autores/candidatos no gênero discursivo estabelecido como redação: o artigo de opinião. Os preceitos do Círculo de Bakhtin nortearam nosso trabalho, e os resultados demonstraram que os textos do nosso *corpus*, apesar de terem alcançado nota suficiente para acesso dos candidatos à vaga na universidade, apresentam problemas na exposição de acento valorativo em relação ao tema proposto e, principalmente, na entonação expressiva pessoal, o que implica a não explicitação de protagonismo e autoria diante de um gênero discursivo que fundamentalmente requer posicionamento crítico.

Palavras-chave: Conteúdo temático. Redação de vestibular. Perspectiva dialógica da linguagem.

Abstract: This article aims to investigate how the entrance exam participants of a public university develop the thematic content in their essays. For this we analyzed the intermediate texts, that is, those that reached notes considered the average of the total set, in order to know how the theme is textually represented and developed by the authors/candidates in the discursive genre established as essay: the opinion piece. The Bakhtin Circle precepts guided our work, and the results showed that our corpus, despite having achieved sufficient grade for the access of the candidates to university vacancy, present problems in the exposure of valorative tone in relation to the proposed theme and, mainly, in personal expressive intonation, which implies the non-explicitness of protagonism and authorship in the face of a discursive genre that fundamentally requires critical positioning.

Keywords: Thematic content. Essay of the college entrance exam. Dialogic perspective of language.

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marilucia@uenp.edu.br

** Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: elianamerlin@uenp.edu.br

Considerações iniciais

Para o trabalho com a leitura, entre outras orientações, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prescreve que é preciso que o aluno seja preparado pela escola a realizar “Reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações” estabelecidas nos textos (BRASIL, 2018, p. 71). No eixo da produção textual, o documento estabelece que o aluno deve “Analisar aspectos sociodiscursivos, temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros propostos para a produção de textos, estabelecendo relações entre eles” (p. 74). Já no eixo da análise linguística/semiótica, a BNCC esclarece que “[...] no que diz respeito à linguagem verbal oral e escrita, as formas de composição dos textos dizem respeito à coesão, coerência e organização da progressão temática dos textos” (p. 78). Como vemos, o trabalho com o conteúdo temático é um aspecto importante em todos os eixos de ensino da língua. Contudo, reconhecer e representar o tema adequadamente, saber desenvolvê-lo, a fim de cumprir os propósitos comunicativos, organizar a progressão temática do texto, são inquietações que permeiam os discursos dos alunos, principalmente daqueles que chegam ao final do ensino médio em vias de prestarem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e os concursos vestibulares. Na prática, o desenvolvimento do tema proposto pelo exame/concurso é um dos aspectos que pode levar o candidato ao fracasso, sobretudo, quando acontece o que comumente se denomina “fuga do tema”.

E, fugir do tema não é somente preocupação dos alunos. Menegassi e Zanini (2000, p. 25) apontam que a questão também “vem angustiando quem avalia textos produzidos a partir de estímulos propostos em concursos”. Conforme os autores, não são raros os casos em que as redações são bem estruturadas textualmente e mesmo assim fogem completamente do tema proposto.

Diante da amplitude da questão, interessamo-nos em investigar como os participantes do vestibular na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) desenvolvem o tema em suas redações. A intenção principal é poder contribuir para o aprimoramento da formação inicial e continuada de professores da Educação Básica, os quais nem sempre têm a oportunidade de conhecer de forma mais ampla os problemas que constituem as redações produzidas em situação de vestibular/ENEM. Geralmente, o que a mídia publica são os textos de alunos que alcançaram a nota máxima no exame/concurso. Por outro lado, as pesquisas acadêmicas se atentam às redações consideradas mais problemáticas. Nesse sentido, o que pretendemos é analisar redações intermediárias, isto é, as que atingiram notas consideradas a média do conjunto total, a fim de conhecer como o tema é representado e desenvolvido textualmente pelos autores/candidatos. Para tanto, ancorados nos preceitos do Círculo de Bakhtin, concentramos nossa análise nos conceitos de conteúdo temático e de gênero discursivo. Nossa premissa é a de que, conhecendo como os problemas com essas operações se estabelecem nos textos, os professores têm mais condições de elaborar propostas pedagógicas direcionadas.

Nosso *corpus* é formado por duas redações produzidas no Vestibular do ano de 2018, da UENP, que receberam nota mediana, sobre o que realizamos uma reflexão teórico-analítica, sustentados pela perspectiva dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2003, 2016; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006; VOLOCHINOV, 2013).

Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa “A escrita de textos argumentativos em contexto de vestibular” desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)¹ e ao projeto “Gêneros discursivos/textuais: dos documentos prescritivos à sala de aula”, coordenado pela professora Dra. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer, subsidiado pela Fundação Araucária do Paraná, pela Bolsa Produtividade em Pesquisa (prot. 49372).

O conteúdo temático

De acordo com Bakhtin (2016, p.11), interagimos somente por meio de gêneros do discurso, os quais “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo”. Campos esses que constituem as situações onde ocorrem as interações discursivas entre sujeitos sociais. Assim, inserida na situação comunicativa de vestibular, a redação, como um dos gêneros produzidos pelo participante, é formada por fenômenos que se relacionam de forma direta com esse campo sociodiscursivo. A fim de obter uma nota adequada para ter acesso a uma vaga em uma instituição do ensino superior, o participante/produtor da redação deve apresentar em seu texto as competências e habilidades estabelecidas no edital do vestibular/manual do candidato e pressupostas nas instruções apresentadas na própria prova da redação. Questões que envolvem muito além de estruturação e organização dos elementos estilísticos-composicionais, pois requerem um posicionamento discursivo por parte do produtor do texto frente ao campo, aos seus interlocutores e ao papel que esses ocupam na interação, ao tempo cronológico e sócio histórico da produção e ao lugar físico onde ela se concretiza. São as representações desses aspectos que, de forma linguístico-discursiva, são refletidas nos e pelos três elementos que “estão indissoluvelmente ligados *no conjunto* do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifo do autor): conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Nesse campo social – o vestibular – uma das práticas estabelecidas historicamente como obrigatória é a produção de um texto generalizadamente chamado de redação. No caso da UENP, desde o vestibular de 2015, a exigência é para a produção do gênero discursivo artigo de opinião, no qual “o candidato deve desenvolver uma argumentação pautada numa questão polêmica apresentada pela prova, a fim de convencer o leitor pressuposto pelo gênero a aderir a seu ponto de vista” (UENP, 2017, s/p). O participante, conforme instruções expostas na prova, deve simular participar de uma situação própria do campo do jornalismo opinativo, para, então, produzir um texto que busque reproduzir uma interação característica desse campo. Entretanto, o gênero, nesse caso, está descolado do seu contexto natural de produção, uma vez que está sendo elaborado para outros fins – ingresso na universidade –, sendo assim, os objetivos discursivos já não são simplesmente os mesmos do gênero social de referência, o artigo de opinião jornalístico, pois estão perpassados pelos fins impostos pela “redação do vestibular”, logo, constitui-se de um novo gênero, o gênero discursivo que denominamos de artigo de opinião como redação de vestibular. A essência de um gênero está na representação dos fenômenos sociais, como instrumento propiciador da ação discursiva do indivíduo. É o que caracteriza, entre outros aspectos, os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12).

¹ Projeto aprovado pelo do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UENP – CAAE n. 95902418.4.0000.8123

Tendo em vista as definições sobre os três elementos que refletem tais fenômenos, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, recorreremos aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) que trazem uma definição didática do que é o conteúdo temático: “o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero” (BRASIL, 1998, p. 21). Nesse sentido, nem todo tema pode ser tratado por todo e qualquer gênero. Por exemplo, em um artigo de opinião, seja ele do campo jornalístico ou em situação de vestibular, o tema refere-se sempre a ideias polêmicas, formas controversas de conceber o mundo, as coisas, os fatos. Isto é, o que é ou pode ser dito em um texto que materializa esse gênero está sempre vinculado a emitir opinião sobre algo que é controverso em nossa sociedade (STRIQUER; FRANCO, 2016; STRIQUER; OLIVEIRA, 2017).

Além desse aspecto, o conteúdo temático é, de acordo com Bakhtin (2003, p. 47), “o primeiro elemento do enunciado”, é ele que determina os recursos estilístico-composicionais que são empregados no texto. É de acordo com o conteúdo temático que a estrutura e os elementos estilístico-gramaticais são textualmente organizados, considerando-se ainda “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 47). A fim de explicar esse conceito, Rojo e Barbosa (2015) expõem que,

O tema é o conteúdo inferido com base na apreciação de valor, na avaliação, no acento valorativo que o locutor (falante ou autor) lhe dá. [...] um texto é todo construído (composto e estilizado) para fazer ecoar um tema. O tema é o sentido de um dado texto tomado como um todo, “único e irrepetível”, justamente porque se encontra viabilizado pela refração da apreciação de valor do locutor no momento de sua produção” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 87-88, grifos das autoras).

É nesse sentido que, mesmo cada um dos participantes do vestibular abordando em suas redações um mesmo tema, cada um dos textos será sempre diferente dos outros, porque cada indivíduo, a partir de sua ideologia, de seu juízo de valor sobre o tema, dará uma entonação expressiva particular a seu discurso e aos discursos que o constituíram (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). O traço constitutivo do enunciado, o diálogo, agrega não só a valoração que o produtor do texto tem sobre o tema, mas também o juízo de valor que ele presume que seus interlocutores tenham. Conforme Bakhtin (2016, p. 64),

Ao falar [e ao escrever], sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista, as suas simpatias e antipatias) – tudo isso irá determinar a sua ativa compreensão responsiva do meu enunciado.

O destinatário da redação de vestibular da UENP está determinado no edital como sendo uma banca de “dois corretores especialistas” ou no caso de diferença na pontuação de cada um deles “será feita a correção, por um terceiro corretor” (UENP, 2017, s/p.). A especialidade acadêmica dos corretores, embora não especificada, pressupõe-se que seja da área de Língua Portuguesa. Além desse destinatário direto, defendido por Volochinov (2013) como interlocutor, e nesse sentido identificado nos estudos de Silva (2018) como o interlocutor real da interação

na situação de vestibular, existe também aquele com o qual o participante deve simular ter uma relação de diálogo em seu texto, podendo ser, então, classificado como o interlocutor virtual.

A proposição de Silva (2018), pautada na definição de Bakhtin/Volochinov (2006), é a de que o interlocutor pode ser visto a partir de três perspectivas: o interlocutor real, o virtual e o superior. O interlocutor real é a pessoa presente, não necessariamente na forma física, durante o processo dialógico da escrita. No vestibular da UENP, como apontado, o participante sabe quem é seu destinatário, está explícito no edital do concurso, são os dois (ou três) corretores que formam a banca avaliadora do texto. E, o interlocutor estabelecido no comando de produção textual da prova é o virtual. Na prova de redação do vestibular da UENP/2017, a instrução é para que o participante: “Produza um *artigo de opinião*, assumindo o papel social de um leitor de jornal que intenciona publicar seu ponto de vista em relação à questão polêmica: [...]”. Portanto, os interlocutores virtuais são: a) o suposto editor do jornal, por quem um texto primeiro passa para averiguação de questões convergentes com a proposta do veículo; e os supostos leitores do jornal. Para Silva (2018, p. 39), “Este [o suposto destinatário], por sua vez, acaba por se configurar como um representante figurado que o vestibulando não conhece, uma vez que remete às condições de produção hipotéticas, mas que ele idealiza diante das informações que o encaminhamento de redação oferece”.

Sobre o interlocutor superior, a definição é a de que ele é “[...] um representante oficial responsável por constituir padrões e regras que são respeitados no meio social em que o produtor do texto convive” (MENE GASSI, 2012, p. 256 apud SILVA, 2018, p. 39). É aquele que, segundo Silva (2018), é pressuposto (com maior ou menor consciência), pelo autor do texto, como uma instância superior que orienta a elaboração do discurso. No vestibular é a Instituição de Ensino Superior responsável pelo exame, é a instituição que estabelece regras e parâmetros para a produção da redação.

Podemos associar essas configurações sobre os interlocutores à assertiva de Volochinov (2013, p. 85) de que toda palavra “é expressão e produto da interação social de três: do falante (autor), do ouvinte (leitor), e daquele de quem ou de que se fala (protagonista)”.

O tema da enunciação é determinado ainda, segundo Volochinov (2013), por outros elementos não verbais que constituem a situação de interação. Isso quer dizer que, conforme o contexto no qual a enunciação está inserida, o sentido do texto, também por esse motivo, pode ser diferente de outros. Bakhtin/Volochinov (2006) apresentam um capítulo na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* para tratar desse fenômeno.

No Capítulo 7, “Tema e significação na língua”, os teóricos definem *tema* como o sentido “individual e não reiterável” da enunciação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 133), e, como exemplo prático, citam a expressão “Que horas são?” –e esclarecem que, cada vez que essa expressão é utilizada, ela está inserida em uma situação concreta de interação, formada por diversos aspectos extraverbais, e por isso consagra um novo tema. Por exemplo, um indivíduo está participando do vestibular e, sentindo-se incomodado porque quase todos os candidatos da sala já entregaram a prova, quer saber, então, quanto tempo ainda tem. Assim, dirige-se ao fiscal de sala e diz “Que horas são?”, porém, na verdade, o que ele precisa saber é quanto tempo resta para ele finalizar a prova. Esse mesmo indivíduo, depara-se às sete horas da manhã, na porta de seu condomínio, quando está saindo para seu trabalho, com um amigo que acabou de chegar de uma festa. Ao perguntar a este “Que horas são?”, dá novo sentido ao enunciado, uma

vez que ele detém essa informação, e o que quer é reprimir o amigo. Ou seja, o mesmo texto trata de um tema que é individual e não reiterável.

Entretanto, afirmam Bakhtin/Volochinov (2006, p. 134) que, “Além do tema, ou, mais exatamente, no interior dele, a enunciação é igualmente dotada de uma significação”. A significação está marcada nos elementos linguísticos que são “reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (p. 134). Voltando-nos à expressão que nos serviu de exemplificação, “Que horas são?”, a significação está marcada nos elementos linguísticos que formam a morfossintaxe. Tema e significação não possuem fronteiras entre eles; não é possível, de acordo com os autores, analisá-los de forma estanque, mas é preciso ter em mente que o tema se apoia sempre sobre a estabilidade da significação que cada elemento linguístico tem na língua.

Para Sobral (2009), significação e tema podem ser explicados da seguinte forma:

1. As palavras servem, em sua significação, ao surgimento e desenvolvimento de temas. A significação é a base a que o sujeito em contexto (na presença do ‘outro’) recorre para ‘criar’ e desenvolver o tema;
2. Os temas surgem na interação dialógica (que não se restringe a algumas formas fixas), sendo, portanto, fruto da situação de produção dos discursos;
3. O sujeito avalia aquilo que diz levando em conta as reações presumidas do interlocutor etc., e o faz no âmbito de uma dada maneira de conceber e construir o mundo humano a partir do mundo natural, biológico [naturalização]; e
4. Essas maneiras de conceber e construir o mundo têm caráter ideológico, o mesmo ocorrendo com os signos, sempre entendidos como signos ideológicos (SOBRAL, 2009, p. 82).

Logo, a significação é a base para a realização do tema, e este nasce e se estabelece nas situações concretas de interação, e está condicionado, entre outros fenômenos, ao campo da atividade humana da qual participa a enunciação e aos participantes nela inseridos.

Nesse sentido, compreendemos a proposição de Bakhtin (2003, p. 281) de que a exauribilidade semântico-objetiva do tema do enunciado “é profundamente diverso nos diferentes campos da comunicação discursiva”, sendo que a exauribilidade, ou esgotamento do tema, pode ocorrer de forma plena ou relativa. Na situação de vestibular, na prática discursiva da produção da redação, o texto que concretiza esse gênero permite uma resposta criativa de seu autor para o tema estabelecido pelo exame: o autor é mais livre para a construção de sentidos particularizados ao tema, pois pode exaurir o tema de forma relativa. Isso acontece porque o projeto de dizer daquele que participa do vestibular é apresentar um posicionamento crítico frente a um problema social controverso, pois esse é o princípio fundador do gênero solicitado como redação do vestibular na UENP, um artigo de opinião. Diferente, por exemplo, da exauribilidade plena que constitui as respostas objetivas a serem produzidas pelo participante na prova de conteúdo do vestibular. A resposta do participante é obrigatoriamente a marcação de um “x” no enunciado que ele considera correto, não há espaço para comentários particulares, apresentação de opinião, criatividade na organização do texto. Por assim ser, o conteúdo temático é o primeiro elemento na constituição de um gênero, conforme define Bakhtin (2003), pois é a partir dele que a construção composicional e o estilo são selecionados e organizados textualmente.

Com base nesses preceitos, realizamos uma reflexão teórico-analítica em exemplares da redação do Vestibular 2018 da UENP.

O tratamento dado ao tema em redações no Vestibular

As duas redações que formam nosso *corpus* foram produzidas para o concurso vestibular 2018 da UENP e pertencem ao conjunto das que receberam uma nota mediana diante do total de redações corrigidas. Para apresentação do que classificamos como nota média, destacamos que a configuração aqui estabelecida é uma ação particular das autoras deste artigo, instituída neste trabalho, a fim de obter uma organização que nos permitisse fazer a delimitação de nosso *corpus*. E, para esclarecer o que denominamos como textos que receberam a nota média entre o total de redações corrigidas, explicitamos: a) as 3.673 redações corrigidas receberam notas de 0 a 10, sendo que o texto que não alcançou a nota mínima de 3 pontos foi desclassificado;² b) a maior nota obtida foi 8,50; c) a nota média das 3.673 redações (obtida por meio do sistema de estatística, conforme a Figura 1, em anexo) foi 5,1406.

Diante desses números, fazemos uma digressão para abordar, de forma breve, algumas reflexões que vimos como importantes a respeito das notas alcançadas pelos participantes do concurso: 75% das redações do vestibular da UENP 2018 ficaram abaixo da média da nota escolar nacionalmente estabelecida entre 6 e 7. Comparada à média da nota de redação do ENEM, a nota média das redações do vestibular 2018 da UENP está também abaixo. Em 2018, as redações do ENEM obtiveram média de 523,4 (notas de 0 a 1.000) ou 5,23, realizando uma conversão simples para a escala de 0 a 10 pontos. A média das notas das redações do vestibular 2018 da UENP corresponde, praticamente, a apenas 50% de um texto considerado adequado pelos parâmetros que instituem o seu vestibular.

Voltando-nos à reflexão teórico-analítica dos dois exemplares que formam nosso *corpus*, os quais foram eleitos de forma aleatória, a partir do critério da nota mediana, iniciamos nossa investigação com foco à instrução dada pela prova de redação para a elaboração da redação:

Produza um **artigo de opinião**, assumindo o papel social de um leitor de jornal que intenciona publicar seu ponto de vista em relação à questão polêmica: **De modo geral, o ativismo nas redes sociais, ou ciberativismo, tem repercussões significativas na sociedade ou fica restrito ao mundo virtual?**

Não se esqueça de que o artigo de opinião é um **texto argumentativo**, por isso, além de se posicionar frente à questão exposta, é preciso selecionar bons argumentos para a defesa da sua tese.

Os textos a seguir abordam a questão apresentada, mas lembre-se de que eles podem ser usados apenas como suportes para a sua argumentação e nunca copiados deliberadamente. Você será avaliado pelo grau de autoria do texto!

Além do enunciado instrucional, a prova oferece 4 textos de apoio: 3 deles trechos de artigos de opinião, e uma charge (ANEXO 2).

² Critérios estabelecidos no Edital n. 057/2017 (UENP, 2017).

Diante da definição de Bakhtin (2016) de que os gêneros refletem os campos nos quais estão inseridos, as redações sob análise devem refletir a situação de vestibular: as instruções estabelecidas no edital e no comando de produção da prova. Como mencionamos em seção anterior, muito além de organizar os elementos estilísticos-composicionais, a redação deve apresentar o posicionamento discursivo de seu produtor frente ao tema oferecido pela instituição. Tal posicionamento constitui o que Bakhtin (2003) e Rojo e Barbosa (2015) denominam de apreciação de valor ou acento valorativo que o locutor dá ao tema, que é a essência do gênero “artigo de opinião”. De acordo com Rodrigues (2007), esse gênero tem a função sociocomunicativa de não só apresentar acontecimentos sociais, mas também, e principalmente, expor as análises e o posição do autor sobre tais acontecimentos, o que acontece com a construção e apresentação de um ponto de vista e de argumentos/contra-argumentos que visam defendê-lo, a fim de persuadir os destinatários do texto. Portanto, o acento valorativo se presentifica no ponto de vista/tese e nos argumentos/contra-argumentos elaborados pelo autor de um artigo de opinião.

Ao analisarmos o Texto 1, transcrito a seguir, constatamos que o autor apresenta fragilidade na textualização de sua apreciação de valor sobre o tema, pois há inconsistência em um dos requisitos que fundamentam a coerência e coesão textual, a não contradição. Conforme Costa Val (1999, p. 25), “Para ser internamente coerente, o texto precisa, em primeiro lugar, respeitar princípios lógicos elementares. Não pode, por exemplo, afirmar A e o contrário de A”, como se observa no Texto 1:

Texto 1: redação 1³

A importância do ativismo nas redes sociais para a sociedade

É incontestável que o ativismo nas redes sociais possui repercussões significativas na sociedade. Entretanto, é de extrema importância o conhecimento de como participar dessas redes, contribuindo com o mundo “real” e não se restringindo apenas ao “virtual”. Vale lembrar que cada pessoa possui sua ideia sobre um determinado assunto, seja ele político ou social. Desse modo, não podemos ter insegurança em expor nossos ideais, desde que contribuam positivamente a sociedade, isto é, ao mundo “real”.

As redes sociais são ferramentas utilizadas por muitos na sociedade, no entanto, são poucos que a utilizam com o objetivo de contribuir com a mesma. Contudo, há diversas maneiras no qual podemos participar positivamente, como ser solidário a comunidades que não possui recursos de órgãos públicos ou até mesmo opinar sobre ações políticas, seja elas agradáveis ou não.

Perante ao argumento acima, é importante lembrar que cada pessoa possui sua ideia ou opinião, isto é, há uma peculiaridade nos ideais de cada um. Desse modo, é importante que sejamos seguros para dar o primeiro passo, uma vez que o objetivo é positivo. Portanto, percebe-se que se restringirmos ao mundo “virtual”, não haverá uma progressão ao “real” e sim que nada irá mudar.

Dessa maneira, é muito importante o ativismo nas redes sociais, uma vez que através dele, podemos contribuir positivamente a sociedade. Há diversas maneiras no qual a participação seja progredida e que auxiliam na concretização de um mesmo objetivo. Contudo, basta estarmos seguros e conscientes de que o mundo “real” precisa do nosso apoio, e que podemos auxiliá-lo através do ativismo nas redes sociais.

Articulista do jornal

³ Os textos foram transcritos exatamente como foram elaborados pelos candidatos.

O ponto de vista do autor sobre o tema parece ser, *a priori*, de que “o ativismo nas redes sociais possui repercussões significativas na sociedade” – a tese a defender seria essa, reforçada pela entonação expressiva pessoal (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006): “É incontestável”. Os argumentos, portanto, deveriam defender essa tese. Contudo, ainda no parágrafo introdutório, o autor emprega, para articulação do enunciado supracitado, a conjunção “entretanto”, que é, segundo Castilho (2010, p. 351), uma conjunção que implica que “o que é dito no segundo termo contraria as expectativas geradas no primeiro”. Nesse sentido, contrariando o ponto de vista inicial, a afirmativa é a de que “Entretanto, é de extrema importância o conhecimento de como participar dessas redes, contribuindo com o mundo ‘real’ e não se restringindo apenas ao ‘virtual’”. Um novo ponto de vista é apresentado pelo autor, de que a contribuição do *ciberativismo* pode estar se restringindo apenas ao mundo virtual, podendo suas repercussões à sociedade serem contestadas como significativas. Assim, a entonação expressiva pessoal (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006) exposta pelo enunciado, “é incontestável”, é anulada. É o novo (segundo) ponto de vista que é estabilizado no texto, é sobre ele que o autor deve, então, construir argumentos, isto é, apresentar dados consistentes, evidências históricas, ideias trazidas por especialistas, entre outros recursos (BOFF; KÖCH; MARINELLO, 2009), para sustentação de seu ponto de vista. Mas não é o que ocorre, como podemos verificar na tentativa de argumentação estabelecida nos dois últimos parágrafos do texto. A ideia que forma o argumento apenas tangencia o parágrafo de introdução, isto é, não faz progredir o tema, não apresenta dados, evidências, colaboração de especialistas. O único acréscimo semântico é a proposição sobre ações práticas que podem ser consideradas positivas, mas nada é desenvolvido sobre isso, o que demonstra que o autor tem um domínio precário do gênero. O texto não reflete de forma adequada o campo do qual faz parte, uma vez que a instrução do comando de produção da prova é para que “além de se posicionar frente à questão exposta, é preciso selecionar bons argumentos para a defesa da sua tese”. Para além do domínio do gênero, fica evidente que o candidato não tem representações concretas sobre o tema polêmico proposto, as quais poderiam se transformar em um discurso de convencimento argumentativo. A valoração social em relação ao tema é muito superficial, por isso a incoerência na tentativa de expor e defender um ponto de vista.

Essa mesma inconsistência constatamos na conclusão do texto, levando a um tangenciamento de ideias. Além disso, detectamos um outro problema de coerência textual que afeta a construção dos sentidos do texto e que revela a representação frágil em relação ao tema: a necessidade de retomar conceitos e ideias abordados no texto, classificada por Costa Val (1999, p. 21) como aspecto de “continuidade”. O candidato conclui, parcialmente, no terceiro parágrafo: “percebe-se que se restringirmos ao mundo ‘virtual’, não haverá uma progressão ao ‘real’”; mas, nos parágrafos anteriores, não trata sobre o mundo virtual, ou seja, não há como o leitor perceber como seria a situação se o *ciberativismo* se restringisse apenas ao mundo virtual. Em decorrência, o autor não exauriu o tema (BAKHTIN, 2003) de forma relativa como esperado para o gênero discursivo em questão.

Diante dessas questões, o Texto 1 apresenta uma construção composicional (BAKHTIN, 2016) com fragilidades derivadas de problemas na elaboração da apreciação de valor e da entonação expressiva pessoal sobre o tema (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006).

Não diferente é o segundo exemplar, o qual transcrevemos a seguir:

Texto 2: redação 2

Do virtual para o real

O mundo vem passando por vários problemas e crises, e para isso é necessário que as pessoas se posicionem e mostrem o que são capazes. A internet e as redes sociais são uma forma de pesquisa e debate, mas até que ponto isso influencia na realidade?

É possível observar nas redes sociais várias discussões acerca de assuntos polêmicos, discussões que são necessárias para as pessoas. Entretanto muitas pessoas se escondem atrás de perfis em *facebook* e *twitter*, por exemplo, e esquecem de lutar no mundo real.

A organização de protestos ou eventos, às vezes são realizados neste meio de comunicação, mas quando aparece a realidade, alguns ativistas preferem continuar apenas em seu mundo virtual.

É comum ver pessoas que não expressam sua opinião pois têm medo de serem julgadas por isso e em razão disso que se ocultam na internet.

A internet pode trazer vários benefícios como iniciar discussões essenciais para a nossa realidade. Mas é preciso que os *ciberativistas* saiam só do virtual e venham para o real, para que, assim, aos poucos comece a mudança em nossas vidas.

Articulista do jornal

O ponto de vista, ou seja, a apreciação de valor (BAKHTIN, 2003; ROJO, BARBOSA 2015) do autor sobre o tema é o de que “muitas pessoas se escondem atrás de perfis em *facebook* e *twitter*, por exemplo, e esquecem de lutar no mundo real”. Mas a entonação expressiva pessoal (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006) que poderia ser exposta em argumentos que explicitassem como seria lutar no mundo real, respondendo ao questionamento posto no primeiro parágrafo, não está presente no texto. Os parágrafos que seriam de defesa do ponto de vista tangenciam as ideias, sem construção de exemplificações, dados consistentes, etc. (BOFF; KÖCH; MARINELLO, 2009), e, sobretudo, não respondem à pergunta colocada como ponto de abertura da discussão que o autor indica que realizará no texto: “até que ponto isso [o que as pessoas postam na internet e nas redes sociais] influencia na realidade?” (Inserção nossa). Nem ao menos na conclusão essa discussão é recuperada, ao contrário, um novo discurso se constitui, o de que é preciso que o ativismo saia do mundo virtual para o real, “para que, assim, aos poucos comece a mudança em nossas vidas”. Nada é explicitado sobre que mudanças seriam essas.

Assim como aconteceu no Texto 1, o autor do texto 2 não exauriu o tema de forma relativa (BAKHTIN, 2003), o que implica em problemas na constituição do texto como materialização do gênero discursivo artigo de opinião, o que está refratado na organização da construção composicional (BAKHTIN, 2016): uma pergunta é lançada como abertura de ponto de vista, mas não é respondida ao longo do texto; os parágrafos estão desarticulados na organização da construção composicional.

De um modo geral, o autor do Texto 2 demonstra não ter habilidade de “Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, [...] para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, [...]”, o que está previsto como fundamental para o aluno do ensino médio pela BNCC (BRASIL, 2018, p. 493).

Mesmo com essas configurações, ambas as redações são ativas e compreensivas (BAKHTIN, 2016), pois demonstram leitura interpretativa sobre os discursos manifestados nos textos de apoio e no comando de produção da prova, no entanto, a interpretação pode ser considerada de um nível superficial de reflexão crítica. Ao compararmos os Textos 1 e 2 com os textos de apoio (Anexo 2), os discursos lá instituídos (nos textos de apoio) são ressignificados nas redações, pois o discurso do autor da redação tem uma configuração textual diferente daqueles, mas não há reacentuação valorativa (MENEGASSI, 2009). Por exemplo, a redação 1 emprega a expressão “real” em três momentos diferentes do texto utilizando aspas, ou seja, com a mesma forma do texto de apoio de número 3, e sem exposição *de entonação expressiva pessoal* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). A habilidade requerida pela BNCC (BRASIL, 2018, p. 493) de que o aluno saiba “Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas” não é conferida no Texto 1. Novamente, nossa assertiva é a de que o autor não exauriu o tema (BAKHTIN, 2003), não há criatividade na construção de sentidos particularizados ao tema.

Entretanto, tais apontamentos não anulam a redação como sendo uma *atitude responsiva imediata* (BAKHTIN, 2003; MENEGASSI, 2009). Ao compreender os enunciados, os textos de apoio e comando de produção, o candidato imediatamente apresenta uma devolutiva, produz sua redação. Da mesma forma, a responsividade passiva é percebida, pois o texto foi produzido em cumprimento às regras da situação comunicativa da qual o autor participa, o vestibular, na qual é obrigatória a produção da redação para que seja possível alcançar uma nota adequada e em decorrência uma vaga na universidade. Mas a atitude responsiva ativa defendida por Menegassi (2008), que se dá quando, além de construir uma devolutiva a um enunciado concreto, o respondente apresenta argumentos ou complementações do discurso do outro, não é verificada no Texto 1. Tampouco há uma *resposta ativa e crítica* (MENEGASSI, 2008), uma vez que não há exposições de reflexões pessoais, argumentos, explicações e exemplos de julgamentos feitos a partir das experiências individuais do autor da redação 1.

Logo, o modo como o conteúdo temático é desenvolvido na redação vai de encontro ao que a BNCC prescreve como habilidades que o aluno no ensino médio deve ter para leitura, escuta, produção de textos e análise linguística:

Selecionar informações, dados e argumentos em fontes confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas. (BRASIL, 2018, p. 506).

Sobre a perspectiva de Volochinov (2013) de que o diálogo é sempre constituído como expressão e produto da interação do autor, do leitor, e de quem se fala, vemos que as palavras dos autores das redações dialogam com o comando de produção da prova e com os textos de apoio, originam-se na significação lá estabelecidas. Alguns termos dos textos de apoio são repetidos pelo autor do Texto 1, como nos exemplos: a) “É incontestável que o ativismo nas redes sociais possui repercussões significativas na sociedade” (redação) / “De modo geral, o ativismo nas redes sociais, ou ciberativismo, tem repercussões significativas na sociedade ou fica restrito ao mundo virtual?” (Comando da produção); b) mundo “real” – mesma expressão

utilizada no texto de apoio 3, com destaque para a repetição das aspas. Mas a significação não se torna base para a progressão do tema, isto é, não é reiterável de forma individual pelo autor da redação, sendo conduzida pela situação concreta de participação no vestibular, onde o texto é “avaliado pelo grau de autoria”, conforme expresso no comando de produção.

A criação autoral sobre o significado, que é o que constitui um tema (SOBRAL, 2009), ou seja, o desenvolvimento de um ponto de vista particular que envolve protagonismo, não é visualizado também no Texto 2. O autor lança ideias como: a) até que ponto a internet e as redes sociais são uma forma de pesquisa e debate que influenciam a vida real?; mas durante o texto não responde à questão; b) as pessoas discutem questões sociais na internet, mas se esquecem de lutar no mundo real; não explica o que seria lutar no mundo real; c) protestos são feitos na internet, mas os ativistas continuam no virtual quando aparece a realidade; nada é exposto sobre o que seria “aparecer a realidade”, o que pode gerar várias linhas de interpretação para o leitor; d) a internet pode iniciar discussões essenciais para a nossa realidade; nada é exposto sobre que tipo de discussões são essenciais, e são essenciais por quais motivos; e) é preciso sair do virtual e vir para o mundo real para acontecer a mudança; não há explicação sobre que mudança poderia acontecer.

Assim, a *exauribilidade semântico-objetiva relativa* (BAKHTIN, 2003) esperada na construção do artigo de opinião como redação de vestibular enquanto um gênero do discurso não se realiza.

Sobre os destinatários reais (VOLOCHINOV, 2013), ou interlocutores reais (SILVA, 2018) – que na situação de vestibular são os corretores do texto, especialistas em língua portuguesa, de forma mais específica, como os interlocutores reais da situação comunicativa – podemos compreender que o autor da redação elabora seu discurso e o materializa sem leva-los em consideração. Tampouco foram considerados os *interlocutores virtuais* (SILVA, 2018) – o suposto editor e os leitores do jornal exigidos no comando de produção da prova – e ainda o *interlocutor superior* (SILVA, 2018) – a Instituição que estabeleceu as regras e os parâmetros para a produção da redação. Esses aspectos podem ser exemplificados no emprego e na organização dos elementos linguísticos que caracterizam o *estilo do gênero* (BAKHTIN, 2016), uma vez que as redações apresentam vários problemas de: a) regência – “podemos contribuir positivamente a sociedade” (Texto 1); “Há diversas maneiras no qual a participação seja progredida” (Texto 1); b) concordância – “As redes sociais são ferramentas utilizadas [...] são poucos que a utilizam” (Texto 1); “ser solidário a comunidades que não possui recursos” (Texto 1); c) construção da sintaxe – “Contudo, há diversas maneiras no qual podemos participar positivamente” (Texto 1); d) troca do emprego da voz enunciativa – “é importante que sejamos seguros [...]. Portanto, percebe-se que” (Texto 1); e) emprego de conjunção – “O mundo vem passando por vários problemas e crises, e para isso é necessário que as pessoas se posicionem [...]” (Texto 2); f) pontuação – “Entretanto muitas pessoas se escondem [...]” (Texto 2); g) construção de parágrafo – constante no Texto 2; etc.

O interlocutor real em questão, conforme acentua Bakhtin/Volochinov (2006), não é um mero leitor, sua relevância deve sempre ser levada a cabo no momento anterior à verbalização, isto é, o candidato deve estar ciente de que seu texto será avaliado pelo interlocutor real. É este que confere, seguindo as normas e regras da universidade, notas às redações, são eles especialistas em língua portuguesa. Assim, tais problemas não dizem respeito a apenas uma estruturação

dos elementos linguísticos, eles demonstram que o autor tem deficiências para “Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor (es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse (s) interlocutor (es) [...]”, competências prescritas como necessárias ao aluno do ensino médio pela BNCC. (BRASIL, 2018, p. 494).

Considerações finais

Ao analisarmos exemplares de redações produzidas no concurso de vestibular 2018 da UENP, tendo como aporte os preceitos do Círculo de Bakhtin, a fim de investigar como o autor desenvolve e articula o conteúdo temático, os resultados demonstraram que os textos analisados, apesar de terem alcançado nota suficiente para acesso dos candidatos à vaga na universidade, apresentam problemas na exposição de *acento valorativo* em relação ao tema proposto e, principalmente, na *entonação expressiva pessoal*, o que implica a não explicitação de protagonismo e autoria diante de um gênero discursivo que fundamentalmente requer posicionamento crítico. Os textos demonstram contradições, ideias e opiniões advindas de senso comum, com séria fragilidade na progressão do conteúdo temático. Assim, o tema não é exaurido de forma relativa como cabe ao gênero; os textos de apoio são ressignificados, mas não reassentados; os discursos instituídos nos dois textos não estabelecem atitudes responsivas ativas e críticas. Em decorrência, as redações apresentam problemas no desenvolvimento também dos elementos que compõem a construção composicional e o estilo do gênero. O interlocutor real, o virtual e o superior são representados de forma inadequada na configuração estrutural textual na interação, o que está refletido nos elementos linguístico-discursivos que textualizam as redações.

Conhecidos alguns dos problemas com as operações que envolvem o desenvolvimento do conteúdo temático nas redações de vestibular, esperamos ter contribuído para que os professores tenham mais condições de elaborar propostas pedagógicas que busquem desenvolver, nos alunos, capacidades para mobilizarem temas sociais controversos e expressarem, por meio de um discurso argumentativo coerente, a valoração pessoal que os leva a defender certos pontos de vistas na sociedade.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC; SEB, 2018.

BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENEGASSI, R. J. Responsividade e dialogismo no discurso escrito. In: NAVARRO, P. (Org.). **O discurso nos domínios da linguagem e da história**. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 135-148.

MENEGASSI, R. J. Aspectos da responsividade na interação verbal. **Letras e línguas**. v. 10, n. 18, p. 147-170, 1º sem. 2009.

MENEGASSI, R. J. Aspectos sobre o gênero discursivo. In: DESIDERATO, J. O.; NAVARRO, P. (Org.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: Eduem, 2007, p. 17-42.

MENEGASSI, R. J.; ZANINI, M. Leitura e escrita: avaliação de redações bem estruturadas que fogem ao tema proposto. **Acta Scientiarum**, v. 22, n. 1, p. 25-31, 2000.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; ROTH, D.M. **Gêneros textuais: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 154- 183.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SILVA, C.C. **Caracterização dos comandos de produção textual da prova de redação do vestibular da UEM**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2018.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

STRIQUER, M. S. D. FRANCO, A. A. A inserção do artigo de opinião na prática de letramento escolar como um novo gênero: a redação de vestibular. **Anais ... IV Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários – CIELLI**. Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2016, p. 1095-1106.

STRIQUER, M.S.D.; OLIVEIRA, S.C.T. Uma proposta de ensino organizada a partir do gênero textual artigo de opinião. In: BARROS, E.M.D.; STORTO, L.J. (Orgs.). **Gêneros do jornal e ensino: práticas de letramentos na contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 119-149.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ. **Edital n. 057/2017 GR-UENP**. Publicação das disposições que regem o Processo Seletivo de Vestibular, público, próprio e unificado, para ingresso nos Cursos de Graduação da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, a ser realizado nos 19 e 20 de novembro de 2017, para classificação dos

(as) candidatos (as) à matrícula para o ano letivo de 2018. Jacarezinho: GR-UENP, 2017. Disponível em: <https://vestibular.uenp.edu.br/2018/site/>. Acesso em: 01 dez. 2018.

VOLOCHINOV, V.N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

ANEXO 1

Figura 1: Descrição dos resultados obtidos pelo sistema de estatística.

Descriptives			Statistic	Std. Error
Nota	Mean		5,1406	,01753
	95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound	5,1063	
		Upper Bound	5,1750	
	5% Trimmed Mean		5,1335	
	Median		5,0000	
	Variance		1,128	
	Std. Deviation		1,06199	
	Minimum		,00	
	Maximum		8,50	
	Range		8,50	
	Interquartile Range		1,37	
	Skewness		,071	,040
	Kurtosis		,159	,081

Fonte: os pesquisadores.

ANEXO 2

Texto 1

Ciberativismo: ativismo nasce nas redes e mobiliza as ruas do mundo

Andréia Martins, da Novelo Comunicação 04/02/201412h53.

[...] Quando você busca apoiar uma causa social, o que faz? Provavelmente uma das primeiras coisas é acessar a internet: fazer uma doação, compartilhar campanhas e experiências, assinar uma petição ou confirmar presença em algum protesto. Esses são alguns dos exemplos de como a rede vem ampliando o ativismo social e político e criando novas formas de atuação e mobilização, compondo o que é chamado de ciberativismo.

O ciberativismo é um termo recente e consiste na utilização da Internet por grupos politicamente motivados que buscam difundir informações e reivindicações sem qualquer elemento intermediário com o objetivo de buscar apoio, debater e trocar informação,

organizar e mobilizar indivíduos para ações, dentro e fora da rede. Com essas possibilidades, todos podem ser protagonistas de uma causa. [...]

(Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciberativismo-o-ativismo-da-rede-para-as-ruas.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2017.)

Texto 2

As redes sociais e sua influência na sociedade

Por Alexandre Mendes, em 24/02/2011

[...] Alguns importantes acontecimentos mundiais tiveram uma intensa participação das redes sociais e parte da solução dos problemas foi derivada das atuações nelas.

Um exemplo? Vamos ao caso da tragédia na região serrana do Rio de Janeiro. Aos poucos, foram surgindo comunidades e grupos no Orkut e no Facebook e perfis no Twitter. A sociedade mostrou-se madura, solidária e participativa, conseguindo junto aos órgãos públicos grandes conquistas para as comunidades sofridas, agilizou os processos de doações de remédios a coletas de sangue, divulgou a situação de várias áreas através de fotos e dicas de acesso, dados de meteorologia e mapas. [...]

As redes mostraram a sua importância, deixando de lado tempo e espaço, influenciando o destino de dezenas de pessoas, através da rápida disponibilização de informações relevantes, de forma que muitos puderam usufruir deste ambiente e agir junto aos necessitados. [...]

(Disponível em: <<https://imasters.com.br/artigo/19889/redes-sociais/as-redes-sociais-e-sua-influencia-na-sociedade?trace=1519021197&source=single>>. Acesso em: 22 ago. 2017).

Texto 3

Quando as redes sociais favorecem um “ativismo preguiçoso”

São meios eficientes quando não se requer mais do que o compromisso dos usuários

JAVIER CALVO, 31 MAI 2015 - 18:05 BRT

[...] Hoje em dia, para muita gente, entrar no Facebook ou no Twitter significa mergulhar em um grande protesto, onde as pessoas comentam sem parar artigos das edições digitais da imprensa e notícias dos onipresentes casos de corrupção entre políticos e empresários, convocam atos políticos ou simplesmente desabafam contra aqueles que consideram como os responsáveis pelo desastre de nosso país.

[...] O paradoxo é que o Facebook me mostra um entorno social e a rua, outro. As redes sociais fervem de agitação política. No mundo “real”, nada muda. [...]

A realidade, aparentemente, é que as redes sociais criam bolhas ideológicas. Duas pesquisas divulgadas nos últimos meses ratificam essa ideia. Segundo um estudo do Pew Research Center, as pessoas de direita tendem, predominantemente, a ter amigos que concordam com suas ideias políticas e a fazer parte de grupos com ideias parecidas, enquanto os esquerdistas têm uma tendência maior a apagar ou bloquear amigos por causa de divergências políticas. Outro estudo, publicado na revista Science, confirma que as

pessoas constroem uma espécie de “sala de espelhos” digital de suas próprias opiniões, e que o usuário médio das redes tem apenas cerca de 23% de amigos com ideias políticas diferentes das suas. Além disso, os especialistas no assunto descobriram que o Facebook e o Twitter amplificam aquilo que, em ciência política, se chama “espiral do silêncio”: os usuários têm medo de publicar opiniões políticas quando pensam que elas podem ser lidas por outros com ideias diferentes. [...]

(Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/31/internacional/1433106323_876086.html). Acesso em: 22 ago. 2017).

Texto 4



(Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/-N-DICJYW_A/ViQgWfUIOWI/AAAAAAADtU/fSuccd_N1puo/s1600/ativista-internet-cyberativistas-facebook-rede-social-twitter.jpg). Acesso em: 22 ago. 2017.)

Recebido em julho/2019.

Aceito em setembro/2019.